

FUNDAÇÕES DE APOIO E FINANCIAMENTO PÚBLICO NA USP

Guilherme Ary Plonski

Professor associado do Departamento de Engenharia de Produção da Escola Politécnica



A legislação que rege a aplicação dos recursos orçamentários investidos pelo Estado no ensino superior tolhe a agilidade e flexibilidade necessárias para responder às demandas por projetos inovadores. As fundações permitem superar essas limitações de forma legal e legítima

Agradeço à Adusp o convite para participar do debate sobre fundações de apoio e financiamento público na nossa Universidade de São Paulo. Cumprimento os colegas ‘uspianos’ que integram a mesa e saúdo o nobre deputado estadual César Callegari, incansável defensor da causa da educação pública de qualidade. O deputado acaba de retornar do estado de Andra Pradesh, na Índia, onde participou, em missão oficial, da *International Conference on “Strengthening Values Education”*, evento organizado pela Unesco, que realça no próprio título a centralidade dos valores no processo educacional.

Colegas docentes, servidores(as) não-docentes, estudantes: é justamente sobre *valores* que centrarei minha contribuição neste debate. Nem poderia ser diferente, uma vez que a manchete da primeira edição do Jornal do IV Congresso da USP é a pergunta fundamental “Que Universidade queremos?”. Minha resposta é que queremos a USP uma instituição *imbuída de valores humanos* de respeito à liberdade, busca da verdade, justiça, universalismo — valores a serem *sempre* defendidos nos momentos de adversidade e turbulência. Queremos a USP em contínua *busca da excelência* nas variadas dimensões da vida acadêmica e crescentemente *conectada* com os diversos segmentos e espaços do seu *entorno sócio-econômico*.

Numa visão de conjunto, as conexões existentes com o entorno só-

cio-econômico configuram uma rede ampla, alimentada por fluxos de conhecimentos. Essa *rede USP* envolve ativamente milhares de escolas públicas fundamentais e médias, milhares de empresas e empreendedores(as), centenas de órgãos governamentais, centenas de entidades comunitárias e do terceiro setor e, também, dezenas de instituições de ensino superior e institutos de

A exigência de mecanismos de gestão de recursos compatíveis com o ciclo do tempo de organismos governamentais e empresas em projetos inovadores é uma das bases das fundações de apoio

pesquisa do País e do exterior. Pela exigüidade do tempo, deixo de ilustrar esta exposição com alguns dos fascinantes projetos inovadores que engrandecem o nome da USP.

Aproveito pela lembrar que muitas dessas conexões estão acessíveis no USP *online* e que centenas dessas iniciativas estão referenciadas nas publicações “USP serviços educação”, “USP frente ao desafio da inclusão social” e “Universidade e sociedade: experiências da USP”, disponibilizadas pela Ceca.

Cabe sublinhar o *caráter interativo* da relação Universidade-Sociedade. Assim, deve a Universidade continuar a estabelecer a sua agenda combinando, por um lado, o princípio da autonomia e, pelo outro, a sensibilidade cada vez mais apurada às demandas dos distintos atores sociais. Igualmente, deve a Universidade de São Paulo aprimorar permanentemente o processo de democratização do saber, valorizando a conexão com os vários segmentos de uma sociedade em rápida transição.

Na construção da extensa e multifacetada rede de conexões da USP, um modelo único não supre todas as características requeridas para assegurar uma cooperação fluida com tantos atores sociais diferentes, num ambiente em mutação permanente. Assim:

- A necessidade de articular conhecimentos de várias especialidades, gerando sínteses capazes de responder a questões concretas da sociedade levou à criação de *centros interdepartamentais*, de *núcleos de apoio à pesquisa* e de *núcleos de apoio à cultura e extensão*.

- A demanda de comunidades e de pequenas empresas sustenta as *empresas juniores* e outros mecanismos associativos de estudantes.

- A exigência de mecanismos de gestão de recursos compatíveis com o ciclo do tempo de organismos governamentais e empresas em projetos inovadores é uma das bases das *fundações de apoio*.

A concepção de novos modelos prossegue, refletindo a vitalidade da USP na resposta adaptativa a novos desafios. Vejamos três exem-

plos recentes:

- A ênfase na sinergia entre as dimensões de pesquisa, inovação e difusão do conhecimento levou à recente criação de *Cepids*, estimulada pela Fapesp.

- A conveniência da articulação entre os celeiros de talentos tecnológicos co-localizados neste campus da Cidade Universitária originou o *Centro Incubador de Empresas Tecnológicas – Cietec*, numa parceria entre a USP, IPEN, IPT, Sebrae-SP e Secretaria da Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico; e,

- A percepção do potencial da síntese entre os princípios da incubação de novos empreendimentos e a abordagem da economia solidária para responder, de forma inovadora, ao desafio da geração de renda levou, no contexto do Projeto Avizinhar, à criação da *Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares*.

O quadro de referência exposto indica as *fundações de apoio* como uma das muitas espécies que atuam na diversidade necessária para uma saudável cooperação Universidade-Sociedade. Cabe ressaltar algumas das características específicas dessas fundações de apoio:

a) São instituídas, mediante *doação de bens livres*, por docentes (como é a Fundação Carlos Alberto Vanzolini-FCAV, nos idos de 1967, com aprovação do Departamento de Engenharia de Produção da Escola Politécnica) ou por ex-alunos (individualmente ou pelas suas associações) ou, ainda, pela própria Universidade (co-

mo foi o caso da Fuvest e da FUSP, por decisão do Conselho Universitário).

b) Sua missão institucional é a *colaboração com a Universidade* ou com parte dela (este é o caso da FCAV, que colabora com o Departamento de Engenharia de Produção).

c) Sem fins lucrativos, têm personalidade jurídica *privada de inte-*

As fundações de apoio são uma das muitas espécies que atuam na diversidade necessária para uma cooperação Universidade-Sociedade. Sua missão institucional é a colaboração com a Universidade ou com parte dela

resse público, que lhes permite a agilidade e flexibilidade necessárias à dinamização dos fluxos de conhecimento entre a Universidade e outros entes da sociedade.

d) São veladas pelo Ministério Público ao longo de toda a sua existência, que verifica se estão sendo cumpridos os objetivos estabelecidos pelos instituidores. Destaca-se a figura do Curador das Fundações.

e) Os(as) integrantes do Conselho Curador da FCAV são eleitos(as) pelo *colégio pleno* dos(as)

docentes ativos do Departamento de Engenharia de Produção. O Conselho Curador, democraticamente eleito, escolhe a Diretoria Executiva.

f) As fundações de apoio mantêm convênio com a USP, em que se explicita esse desejo de colaborar com a Universidade ou com uma parte dela. No caso da FCAV, reza o convênio, aprovado pelo Conselho do Departamento, que ela “proverá, na medida de suas possibilidades, recursos para trabalhos ou iniciativas a serem realizadas pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo ou com sua colaboração, que propiciem o desenvolvimento tecnológico da engenharia de produção e da administração industrial, bem como a melhoria do seu ensino e aprendizado.”

É oportuno destacar algumas das formas pelas quais esses objetivos vêm sendo realizados:

a) Gestão de cursos de educação continuada, organizados pelo Departamento de Engenharia de Produção, entre os quais se destaca o Curso de Especialização em Administração Industrial, que vem operando com êxito há mais de vinte anos. A ele acorreram *doze mil profissionais*, em busca de conhecimentos que permitam seu aperfeiçoamento, aumentando sua empregabilidade. Esse curso de especialização, considerado referência, foi aprovado por todas as instâncias da USP.

b) Apoio à introdução pioneira no país das novas tecnologias de suporte ao processo de ensino/aprendizagem (conhecidas co-

mo de “ensino à distância”) na área da engenharia. Assim, com recursos do Programa Reenge da Finep e a parceria da Universidade Federal de Santa Catarina, foi montada a Rede Brasileira de Engenharia, com mais de cem escolas de engenharia em todo o país, inclusive em regiões menos desenvolvidas. Entre os conteúdos estão o “Engenheiro 2001” e, com recursos do Ministério do Trabalho e Emprego, o “Projeto E”, voltado ao empreendedorismo (que foi transmitido, inclusive, pela TV USP no Canal Universitário).

c) Ainda no âmbito do Laboratório de Tecnologia Educacional, o Projeto WWW.Escola, que contribui para atenuar a brecha digital no sistema educacional público.

d) Apoio à pesquisa e à publicação, por intermédio do *Fundo de Apoio à Engenharia de Produção* e o suporte à publicação de livros pelos(as) docentes do Departamento.

e) Apoio ao ensino de graduação, pela publicação de textos didáticos e pelo estabelecimento de prêmios para trabalhos de formatura.

f) Estímulo à pós-graduação, facilitando a mobilidade, no país e no exterior, de estudantes para exporem seus trabalhos em congressos e seminários da área.

g) Apoio decisivo na organização do marcante encontro da comunidade brasileira de engenharia de produção — o *Enegep 2000*, realizado na Escola Politécnica há pouco mais de um mês, com a participação da liderança intelectual internacional nesse campo.

h) Prestação de serviços tecno-

lógicos, particularmente na área de certificação de qualidade em processos e produtos, que são estratégicos para a manutenção da capacidade das empresas brasileiras de gerar empregos. Esses serviços, que permitem à sociedade acessar o conhecimento acumulado no Departamento, também contribuem expressivamente para

É infundada a afirmação, esposada por alguns colegas, de que as fundações de apoio privatizam a universidade pública.

Pelo contrário, as fundações de apoio é que complementam os recursos financeiros da Universidade pública

o ensino e a pesquisa, ensejando a realização de trabalhos de formatura, dissertações e teses focalizando o campo da qualidade.

i) Desenvolvimento de estudos relevantes para *políticas públicas*, como é o caso do estudo da cadeia automobilística, recentemente contratado pelo BNDES, articulando as competências do Departamento de Engenharia de Produção e de outras áreas da Universidade.

j) Apoio à participação crítica do Departamento em questões de rele-

vância social, tais como as relações capital-trabalho, a saúde e a segurança dos(as) trabalhadores(as) e os impactos da terceirização.

É infundada a afirmação, esposada por alguns colegas, talvez por falta de informações completas, de que as fundações de apoio privatizam a universidade pública. Primeiro, porque é vedada a transferência de recursos orçamentários da Universidade pública para qualquer uma das fundações de apoio. Pelo contrário, as fundações de apoio é que complementam os recursos financeiros da Universidade pública. Assim, elas captam *recursos privados para fins públicos*.

Como sabemos todas e todos, os recursos orçamentários dedicados às universidades estaduais não atendem a plenitude das necessidades da vida acadêmica. Eles têm assegurado o ensino de graduação e de pós-graduação gratuitos e de qualidade. Nesse contexto, aliás, cabe reconhecer o esforço do poder legislativo no apoio às universidades públicas. A Emenda Callegari, constitucionalizando os 9,57%, é um esforço na direção certa para assegurar ainda mais o futuro da Universidade pública, mesmo em face de uma reforma tributária. Já os recursos para as atividades de pesquisa e de extensão *foram, são e necessitarão ser*, em grande parte, captados externamente por aqueles e aquelas docentes que aliam o mérito científico à competência empreendedora. Isso é assim no mundo acadêmico, no Brasil e no exterior.

Nesse particular, deve-se quebrar outro mito infundado — o de que os e as docentes que fazem boa extensão têm baixa produtividade na pesquisa. Pelo contrário, a tese de doutoramento de Silvia Velho, aprovada pelo Departamento de Ciência Política da UnB, demonstra, com base em indicadores sistemáticos, que há um *círculo virtuoso* entre a produção científica e a extensão universitária.

As fundações de apoio, como sugerido pelo próprio nome, não são um fim em si, mas constituem um meio de ajudar a Universidade a cumprir a sua missão institucional e desincumbir-se das suas atividades-fim, particularmente a da extensão. Não integrando a administração indireta nem a estrutura da Universidade, ou da unidade ou departamento a quem propiciam apoio, ajudam a promover a cooperação Universidade-Sociedade. Permitem superar, de forma legal

e legítima, limitações impostas pela legislação que rege a aplicação dos recursos orçamentários recolhidos do contribuinte e investidos pelo Estado no ensino superior. Essa legislação tolhe a agilidade e flexibilidade necessárias para responder às demandas por projetos inovadores que sindicatos, empresas, ONGs e mesmo organismos da administração pública naturalmente fazem à Universidade.

A percepção da relevância das fundações de apoio no provimento dos meios necessários ao atendimento das finalidades estatutárias da USP não se limita às chamadas “unidades profissionalizantes”. Ao longo de seus oito anos de existência, a FUSP tem sido demandada por 29 das 35 unidades de ensino e pesquisa. Entre elas “unidades básicas” (tais como este Instituto de Física na capital e o Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação no interior) e unidades da

“área de humanas” (tais como a FFLCH na capital e a FFCLRP no interior). Vem, igualmente, apoiando entes que mobilizam toda a Universidade, tais como o Instituto de Estudos Avançados, a Estação Ciência e o Teatro da USP.

A vontade da comunidade universitária de se abrir ao meio externo é o que explica a instituição das fundações de apoio, desde a Fundação Brasileira para o Desenvolvimento do Ensino de Ciências-Funbec, criada há tantas décadas pelo professor Isaías Raw. Fundações e estruturas de interface similares são também encontradas nas universidades federais brasileiras e em muitas das melhores universidades públicas no exterior. Ajudam essas entidades de interface a realizar o que, há dois séculos, Goethe nos propôs: “Não basta saber, é preciso também aplicar; não basta querer, é preciso também agir.” RA

